

Espaço dos vivos – Lugar dos mortos: a dinâmica de (des) identificação com os espaços destinados aos vivos e aos mortos na nova cidade de Jaguaribara, Ceará

Marcelo Freire Moro¹
UFC

Sueli Alves da Silva Lima²
Seminário teológico de Fortaleza
Alicia Ferreira Gonçalves³
UFPB

RESUMO: O lugar não existe por si mesmo. Sua identidade só surge na medida em que as pessoas se relacionam com o espaço e passam a construir vínculos afetivos e simbólicos com o ambiente que as rodeia. Os lugares destinados ao descanso dos mortos são especialmente cheios de simbolismo e possuem um papel importante para as sociedades humanas desde a pré-história. No estado do Ceará, a cidade de Jaguaribara e o seu cemitério foram inundados para a construção de um grande açude. O governo do Estado construiu uma cidade nova e um novo cemitério para realocar os vivos e os mortos. A partir do conhecimento prévio de que havia uma grande des-identificação das pessoas com a nova cidade de Jaguaribara, este trabalho buscou entender a relação da população com o novo cemitério e como a relação das pessoas com os mortos foi (ou não) alterada pela perda do antigo lugar cemitério e a construção do novo.

PALAVRAS-CHAVE: Jaguaribara; Etnografia; Cemitério; Identificação; Lugar-Espaço.

ABSTRACT: The place does not exist by itself. The identity of a place exists only when the people that live in a geographical space build emotional and symbolic links with their surrounding environment. The spaces dedicated to the dead's rest are especially full of symbolism and have had an important role in human societies since prehistoric times. In Ceará state, the city of Jaguaribara (and its cemetery) was flooded by the construction of a large dam. The state government built a new city and a new cemetery to relocate the living and the dead. If there was a great dis-identification of people with the new city, how was the identity bonds with the new cemetery affected? This study sought to understand the relationship between the people and the new cemetery and how the relationship between the living and the dead was (or was not) affected.

KEY WORDS: Jaguaribara; Ethnography; Cemetery; Identification; Place-Space.

Introdução

Há milhares de anos, grupos sociais humanos, antes nômades, estabeleceram residências fixas e surgiram aldeias, posteriormente cidades e, mais recentemente, metrópoles. Mas o que teria levado grupos nômades a estabelecer uma morada fixa? Para Lewis Mumford (1998), foi a necessidade de estabelecer uma morada para os mortos: “Os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo. Constituíam marcos aos quais provavelmente retornavam os vivos, a intervalos, a fim de comungar com os espíritos ancestrais ou de aplacá-los”. Assim, o vínculo dos vivos com os mortos era tão forte, que a reunião dos grupos humanos para periodicamente cultuar os mortos em um mesmo espaço, teria levado a uma associação simbólica mais forte das pessoas com o lugar, semeando a identidade inicial para um posterior ajuntamento permanente. A morada dos mortos é conspícua nas sociedades humanas: a gruta paleolítica, ricamente decorada com desenhos, as cidades e seus cemitérios, a floresta onde habitam os espíritos dos mortos em religiões animistas. Mesmo grandes metrópoles na atualidade retêm os vínculos com os mortos: dia de finados nos cemitérios e a grande festa do dia dos mortos no México, peregrinações para visitar os túmulos de santos católicos, as inúmeras festas para lembrar e contactar os antepassados nas religiões animistas (festas estas que ocorrem nas mais remotas tribos do planeta e no seio das grandes cidades).

Mas, além das relações simbólicas com os mortos, os seres humanos também estabelecem relações simbólicas com os espaços que ocupam. Os espaços em que as pessoas moram, circulam, divertem-se ou trabalham são dotados de familiaridade e de significado, adquirindo o sentido de lugar. O sentido de lugar está associado à apropriação do espaço pelas pessoas, gerando uma identidade (Lévi-Strauss, 1977).⁴ Nas palavras de Ana Fani Alessandri Carlos (1996) “o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado [...] possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos do corpo”.

Para a autora, só existe lugar na medida em que existe a relação das pessoas com o espaço, através dos sentidos. Uma metrópole não pode adquirir as características de lugar, pois não é possível apreender, vivenciar e dar identidade a uma grande cidade como um todo. A rua, a praça, o bairro, estes sim, são os lugares, e são eles (obviamente vinculados ao contexto maior da metrópole) que adquirem significados simbólicos para as pessoas. É a partir do espaço vivenciado que se constrói a experiência de lugar. “O lugar é a base da reprodução da vida, e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar” (Carlos, 1996).

Mas em pequenas cidades, com poucos milhares de habitantes, onde “tudo é perto”, a identidade de lugar pode se constituir em relação à cidade como um todo. Todos se conhecem, todos passam, em algum momento, por todas as ruas e todos podem apreender, através dos sentidos, a cidade, construindo, assim, sua relação com a cidade-lugar.

E se a morada dos mortos faz parte do contexto de qualquer cidade ocidental. Em uma região cheia de misticismo e predominantemente Cristã (Católica) como o Nordeste brasileiro, os mortos desempenham funções simbólicas muito importantes. Desde o ato de rezar para os santos católicos, que são pessoas mortas que podem interceder junto a Deus pelos vivos, até as orações dirigidas a Deus ou aos santos para que auxiliem a alma de um falecido. No catolicismo, os vivos podem ajudar os mortos através de rituais aqui na terra (missa de corpo presente, missa de sétimo dia, finados), bem como os mortos podem auxiliar os vivos, seja “valendo-os”, auxiliando-os a alcançar alguma graça, ou intercedendo no plano espiritual por eles.

Mas o que aconteceria se toda uma cidade, e o seu cemitério, fossem inundados, deixasse de existir, e todas as pessoas fossem obrigadas a ir morar em uma nova cidade, com um novo cemitério, nos quais elas ainda não tivessem podido construir sua identidade de lugar? Seria o sentido de lugar rompido? Seria o sentido de lugar reconstruído na nova cidade? E como ficam as representações em relação aos mortos com a destruição do antigo cemitério?

No estado do Ceará, a construção de um grande açude, chamado de Castanhão, deslocou a população de uma cidade inteira. A cidade de Jaguaribara e os seus distritos foram deslocados devido à inundação de uma extensa área para a construção do açude. Para realocar as pessoas, o governo do Estado construiu uma nova cidade: a Nova Jaguaribara. A Nova Jaguaribara é a primeira cidade planejada do Ceará. Conta com avenidas largas, várias praças, casas com recuo lateral, saneamento e um ordenamento espacial sem paralelo no Ceará. Tudo foi planejado.

Mas como terá ficado a identidade das pessoas em relação ao seu passado, à nova cidade e ao novo cemitério?

Durante visitas realizadas durante os anos de 2005, 2006 e 2007 para conhecer a cidade e seus habitantes, constatamos que muitas pessoas estavam insatisfeitas com a mudança. Quando as pessoas foram transferidas para a nova cidade e a antiga foi destruída houve muito pranto e há relatos de que alguns apresentaram resistência à transferência. Segundo contam alguns jaguaribarenses, um morador teria ficado morando na velha cidade até que as águas subiram e o expulsaram. Os que habitavam a antiga cidade receberam casas novas e espaçosas e foram incluídos em projetos de geração de emprego e renda: instalação de projetos de agricultura e pesca cadastramento dos mais idosos para receber aposentadoria, etc. Mesmo assim, várias pessoas não se adaptaram à perda do antigo lugar Jaguaribara e desejariam retornar à velha cidade.

Apesar dos esforços do governo para ouvir os habitantes e, em uma mudança tão drástica na vida dos Jaguaribarenses, atendê-los, as negociações foram muitas vezes conflitante. Em primeiro lugar por não haver a opção de não se construir a barragem do Castanhão e não destruir a cidade antiga. Vale destacar o caso dos altares da igreja matriz. A igreja matriz da nova cidade foi feita com a mesma aparência da antiga (Fig. 1). Ela é igual à antiga, dizem algumas pessoas, mas, segundo Manuel Carneiro da Silva, de 62 anos, zelador da igreja, a nova construção é um pouco maior, as colunas foram posicionadas para não atrapalhar a visualização do púlpito, além de uma série de outras pequenas melhorias. Embora a construtora tenha feito uma igreja semelhante à antiga em vários aspectos, um detalhe da construção foi motivo de contenda: o estilo dos altares das imagens sacras, que não foram feitos iguais aos da antiga. Devido a protestos, os altares tiveram que ser desmanchados e, por exigência dos fieis, artistas locais foram contratados para fazer outros no mesmo estilo da velha igreja (Fig. 2).



Fig. 1: A igreja construída na Nova Jaguaribara assemelha-se à antiga, visando gerar um sentimento de identidade. Foto: Marcelo Freire Moro.



Fig. 2: O estilo dos altares na nova igreja foi motivo de contenda entre moradores e construtora, embora outras modificações arquitetônicas tenham sido aceitas.
Foto: Marcelo Freire Moro.

É interessante notar que a igreja da nova cidade não é a mesma igreja da antiga. Ela é uma imitação. Ela funciona como um simulacro, permitindo que, em um cenário de total não-identidade, servisse como referencial aos moradores da Nova Jaguaribara. Assim, sua função era trazer a sensação de pertencimento a uma população que foi translocada para uma cidade onde não havia a identidade de lugar. Daí a necessidade de que, para gerar a sensação de identidade, os altares fossem semelhantes aos antigos. A nova igreja, entretanto, é um pouco maior que a antiga, tem uma infra-estrutura melhor (banheiros e recintos extra) e as colunas estão mais bem posicionadas em relação à antiga.

Não tivemos notícia de que nenhuma destas modificações tenha sido motivo de contendas. O simulacro foi bem aceito, mas a alteração no estilo dos altares, onde estão as imagens sacras, gerou insatisfação para as pessoas. Percebe-se, então, que a relação das pessoas com todos os elementos da paisagem não é igual. A relação dos fieis com as colunas da igreja não era relevante, a ponto de que a mudança de estilo e de posição das colunas puderam ser aceitas, mas em relação aos altares não foram admitidas mudanças drásticas de aparência. A empresa que construiu a igreja teve que contratar, segundo relatou o senhor Manuel Carneiro, artistas locais para que fizessem os altares iguais: “fizeram os altares quadrados, mas as irmãs [referindo-se às freiras] e a população se desgostaram, [...] dois mestres daqui desmancharam e fizeram igual da antiga. Nós queria do jeito da de lá”.

Embora a igreja matriz tenha ficado semelhante, funcionando como um referencial de identidade para a população, a cidade nova é radicalmente diferente, a ponto de, no início, as pessoas chegarem a se perder nas ruas da nova cidade.



Fig. 3: Uma das praças de Jaguaribara, mostrando os espaços amplos da nova cidade. Ruas em grande parte vazias e um número de pessoas pequeno para ocupar espaços tão amplos geram a sensação de uma cidade que foi construída maior do que ela mesma. Foto: Marcelo Freire Moro.

A Nova Jaguaribara é relatada como uma cidade “moderna”, “planejada” e “bonita” pelos moradores, mas a identidade com o espaço para muitos não se efetivou. Alguns reclamam da ausência de oportunidades de empregos mais do que da nova cidade em si ou da perda da antiga. Para Jaime Almeida, “a nova cidade é boa para morar”, para ele o ruim é a falta de serviço: “se tivesse umas fábricas...”. A insatisfação com a estagnação da economia é bem presente nos discursos dos entrevistados. Muitos reclamam que não existem atividades econômicas que englobem a força de trabalho. O desejo por “indústrias” eventualmente aparece no discurso.

Do ponto de vista afetivo, o afastamento entre as pessoas é um dos principais problemas, sendo freqüentemente relatado pelos moradores. A nova cidade, ampla e espaçosa, é contraposta pelos moradores à antiga cidade, “bem pequenininha”, mas “aconchegante”. Enquanto as casas atuais são amplas e têm recuo lateral, as antigas eram conjugadas, de modo que os vizinhos tinham uma proximidade física e social maior. Da janela de casa era possível chamar a vizinha e pedir panelas emprestadas, por exemplo.

Além da antiga cidade em si, um outro lugar que aparece no discurso das pessoas

como motivo de saudades é o rio Jaguaribe. O rio era lugar de lazer, higiene e fonte de renda para os moradores da antiga Jaguaribara. As pessoas desenvolviam a pesca, a agricultura de várzea, lavavam roupas e o rio era um lugar para se nadar e brincar. Nas palavras de um morador, “não tinha quem não fosse ao rio e não trouxesse alguma coisa”, referindo-se à pesca.

Com a construção do açude, a cidade foi realocada para uma posição relativamente afastada da água, de maneira que agora o rio “ficou distante” e só pode ser alcançado “de carro” (Fig. 4). Além disso, cooperativas de criação de peixes em gaiolas fora criadas para inserir as pessoas neste tipo de atividade. A pesca, que antes era algo muito espontâneo, devido à proximidade Rio-Cidade, tornou-se bem mais institucionalizada, gerando modificações nos hábitos das pessoas e sentimento de perda, segundo transpareceu no discurso de vários moradores.



Fig. 4: Foto tirada no limite da cidade, em 2006, mostrando a distância da Nova Jaguaribara para o açude. Foto: Marcelo Freire Moro.

A perda (ou pelo menos modificação) da relação com o rio foi uma das alterações que foram penosas para muitos. Repetidamente, ouve-se que, antes, o rio passava dentro da cidade e as pessoas podiam pescar ou brincar nele. Desse modo, o rio era um Lugar, dotado de significado, em sua relação com as pessoas. A construção do açude Castanhão e a transferência da população para a nova cidade a alguns quilômetros da água rompeu a relação Pessoas-Rio. Antes, o acesso à pesca, à agricultura de várzea e à criação de animais dentro ou muito próximo da cidade eram fontes de renda, alimentação e lazer. Dentro da nova estrutura da cidade planejada e relativamente distante do açude, nem a agricultura, nem a criação de animais e nem a pesca se mostram tão acessíveis quanto antes.

Há, efetivamente, aqueles que gostaram da nova cidade. “Eu gosto. Não guardei

tanta recordação como vi gente chorando até hoje”, “acho que aqui sou mais feliz”, diz uma senhora. Também um comerciante de Jaguaribara concorda. Não sentiu “remorso” pela mudança de cidade, preferindo a nova à antiga. Há pessoas que, mesmo tendo sentido falta da antiga cidade, preferem a nova por terem conseguido melhorias sociais através da inserção em programas do Governo: “prefiro a nova, pois meu viver tá sendo melhor. Eu não tinha emprego, e agora tenho meu aposento e emprego”, relata um senhor.

Mesmo com uma parte da população tendo aceitado ou até gostado da nova vida na Nova Jaguaribara, uma parte expressiva das pessoas não conseguiu se adaptar à perda. Durante as entrevistas foram relatados casos de pessoas que, não aceitando a perda da antiga Jaguaribara, mudou-se para outras cidades próximas. Houve até, segundo contam, um senhor que jurou nunca pisar na Nova Jaguaribara, indo morar em outra cidade que lhe fosse familiar. Para estas pessoas, a perda do lugar Jaguaribara pode ter sido tão forte que procurar outras cidades, onde já haja uma identidade prévia (muitos têm parentes e visitam freqüentemente cidades como Morada Nova, Jaguaretama, Limoeiro do Norte...) pode ser mais fácil que construir uma nova identidade em uma cidade não-lugar.

Claro que, seis anos após a mudança para a Nova Jaguaribara, as pessoas que lá continuam a habitar têm de construir sua relação com o espaço. Se alguns se encaixaram bem à nova realidade, muitos outros não. Há aqueles que se adaptaram, mas mantiveram lembranças saudosas da antiga cidade: “As pessoas se sentiam mais felizes na antiga Jaguaribara”, afirma Francisco Ivã Bezerra, de 48 anos. “Quem disser que não pensa na antiga cidade está mentindo”, diz outra moradora. Já outros mantêm uma postura hostil frente à nova cidade: “Eu não gosto dessa nova cidade porque eu nasci na antiga. Foi lá que eu engatinhei, andei, namorei, casei e tive minha lua-de-mel”, afirma uma senhora, que sente repulsa pela cidade atual. Segundo João de Deus de Almeida, “Já morreram umas duzentas pessoas depois que saímos de lá”, “de tristeza, de velhice, pega uma depressão...”, “eu não gosto da Nova Cidade”, conclui. E outro morador ainda afirma, “preferia a antiga”, “se desse para voltar...”. De fato, foram relatados casos de pessoas com depressão, atribuída pelos interlocutores à mudança para a nova cidade. A segunda autora deste trabalho, inclusive, que atualmente reside na cidade, teve muitas oportunidades de conversar com pessoas que se declaram profundamente tristes com a perda do seu lugar. Percebam que o repúdio à Nova Jaguaribara ainda aparecia no discurso de alguns moradores seis anos após a mudança². A saudade da antiga cidade, do rio ou do antigo estilo de vida também foi bem presente. Quando a perda e a dor da mudança ainda eram recentes, certamente teríamos encontrado muito mais gente inconformada. Para muitos, agora, restou aceitar a situação irreversível e buscar adaptar-se.

A relação vivos-mortos no novo cemitério de Jaguaribara

Desde tempos imemoriais, os seres humanos se relacionam com os mortos. A comunicação dos vivos com os mortos, a fim de apaziguá-los, auxiliá-los ou buscar deles benefícios é fundamental para diversas culturas e religiões. Inclusive para os católicos, maioria da população brasileira e nordestina. No catolicismo, existem diversos rituais

relativos à morte e aos mortos: missa de corpo presente, missa de sétimo dia, dia de finados... Os próprios santos católicos, motivo de fé e devoção ao longo dos séculos, são pessoas que morreram e, estando junto a Deus, podem interceder pelos vivos. Neste sentido, o cemitério, na mitologia do Nordeste, tem grande importância como local ritualístico, especialmente no dia de finados, onde as pessoas vão rezar e assistir à missa neste local.

O novo cemitério de Jaguaribara

O cemitério da nova cidade de Jaguaribara foi construído para substituir os antigos que existiam na velha cidade e seus distritos. Chama-se Parque da Saudade (Fig. 5), nome que, segundo os entrevistados, foi escolhido pelos próprios moradores. O estilo, também escolhido pelos habitantes de Jaguaribara, foi de cemitério parque (Fig. 6), em oposição ao antigo, que, além de pequeno, era repleto de “catacumbas”.⁵



Fig. 5: Muro do Cemitério Parque da Saudade, em Jaguaribara, CE. Foto: Marcelo Freire Moro.

Segundo o ex-prefeito Edvaldo Silveira, que governou Jaguaribara durante parte do processo de indenizações e construção da nova cidade, dois anos antes da inauguração da Nova Jaguaribara, não foi mais permitido que novas pessoas fossem enterradas nos cemitérios que atendiam a antiga cidade e seus distritos já que, assim como a cidade, o antigo cemitério também ficaria submerso. Inicialmente, quem morria era enterrado em Jaguaretama, um município próximo, para posterior exumação e transferência para o novo cemitério. Entretanto, devido às pressões dos moradores, o cemitério acabou sendo inaugurado cerca de um ano antes do previsto, para que as pessoas pudessem sepultar seus mortos logo no seu

Os restos mortais que estavam nos cemitérios que seriam inundados pelo açude foram exumados e transportados para Parque da Saudade. Os parentes dos mortos que assim o desejaram puderam acompanhar o processo de exumação. Segundo relatos dos que estavam presentes, muitos choravam durante a exumação e muitas velas foram acesas.

A relação dos vivos com os mortos é tão forte que Mumford (1998) afirma que a cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos. E o estabelecimento de um lugar, carregado de simbolismos, para os mortos habitarem teve uma importância tão grande, que teria lançado a semente das relações simbólicas necessárias ao surgimento dos primeiros núcleos urbanos (Mumford, 1998). Mas se, conforme observamos em diversos diálogos entre 2005 e 2007, com a destruição da antiga Jaguaribara, a relação das pessoas com o *lugar Jaguaribara* e com os outros vivos ficou abalada, com a destruição do antigo cemitério teria a relação dos vivos com os mortos também sido afetada? Como teria se processado a reconstrução da identidade com os mortos e com o lugar dos mortos depois da transferência dos restos mortais para o novo cemitério?

Para responder a esta pergunta, frequentamos o Dia de Finados no cemitério Parque da Saudade, em Jaguaribara, no dia 02/11/2007, a fim de realizar observações de caráter etnográfico sobre as práticas relacionadas à relação dos vivos com os mortos, bem como, através de entrevistas, averiguar o quanto as pessoas se identificaram ou não com o novo cemitério.⁶

Chegamos às 8 horas no local, momento no qual se iniciava a primeira missa do dia. A capela do cemitério estava cheia, com todos os assentos ocupados e várias pessoas em pé assistindo à celebração. Os fiéis são chamados a lembrar daqueles que já partiram e a rezar por eles. Músicas são entoadas, orações feitas e a esperança de que a vida não acaba com a morte é reavivada: os que morreram estão em um lugar melhor, felizes, para onde os vivos também poderão ir. “Os mortos estão em paz. Tendo sofrido um pouco, foram aceitos por Deus e terão a vida eterna”, diz o padre. Assim, existe esperança em uma vida transcendental e melhor, tanto para os vivos, que aguardam sua hora, quanto para as pessoas queridas que já partiram e fazem falta.

Mas a missa não é o ponto central do Dia de Finados, pelo menos não para todos. Ao mesmo tempo em que a missa está acontecendo e muitos estão assistindo, um número ainda maior de pessoas já circula pelo cemitério (Fig. 6). Elas se encontram, cumprimentam, colocam assuntos em dia, conversam sobre a família e amigos, acendem velas para os mortos e enfeitam os túmulos com flores de plástico e imagens de santos católicos. As pessoas vestem roupas nos mais variados estilos, de várias cores, em contraposição à prática mais antiga de usar roupas pretas e sóbrias.

Embora para alguns os cemitérios sejam motivo de mau presságio, comemorações alegres e descontraídas em cemitérios não são impossíveis de achar. No cemitério de Santa

Bárbara d'Oeste, SP, descendentes de norte-americanos promovem festas para lembrar e recriar o seu passado. Assim, estes brasileiros, durante um festivo dia no ano realizado dentro do cemitério, criam para si um passado um tanto idealizado e criam a identidade de “americanos radicados no Brasil”, conquanto sejam na verdade brasileiros (Gussi, 1997). O próprio dia de finados não é, necessariamente um dia triste, e o lugar dos mortos não necessariamente adquire conotações negativas, sendo usado para o reencontro entre os vivos, a transmissão de padrões culturais, o fortalecimento da identidade religiosa, a memória pessoal e a reconstrução da história. Em Americana, SP, os descendentes de norte-americanos que migraram para o Brasil fazem uma festa, lembram e ao mesmo tempo constroem seu passado.

Também em Jaguaribara, as pessoas, diante das covas e ossários, lembram o passado, reconstroem sua ascendência e transmitem aos outros sua história. Diante dos ossários (Fig. 7), um senhor de idade falava a uma mulher jovem sobre o seu passado e um pouco da história das pessoas que ele conhecia e que agora estavam ali.



Fig. 6: Mesmo durante a ministração da missa, muitas pessoas visitam os túmulos, enfeitando-os com flores plásticas e colocando velas nas casinhas de madeira. Foto: Marcelo Freire Moro.

O dia definitivamente não é triste. Na verdade, mesmo passando o dia todo no cemitério, vimos apenas três grupos familiares demonstrarem comoção e pesar, sendo que, destes, dois possuíam familiares que faleceram recentemente. Todas as outras pessoas observadas aparentavam contentamento e descontração. Para um senhor, radialista, 37 anos, que vêm para o dia de finados desde o tempo em que este ocorria no antigo cemitério, o dia é um dia de festa e de alegria, para lembrar os mortos, que estão felizes com Deus. Para ele, é

hora de rezar para Deus e para os parentes, os quais estão no Céu, por proteção na Terra. Como as pessoas amadas estão com Deus em uma situação de alegria, a contrição no dia de finados não é necessária.

Durante o dia de finados, o cemitério se encheu de movimento e comércio. Barracas de comida, carrinhos de picolé, churrasquinhos no espeto e bancas vendendo os itens necessários para agradar os mortos: flores plásticas, velas e imagens de santos. Praticamente todas as pessoas que freqüentavam o cemitério acendiam velas e enfeitavam os túmulos. Esta era uma hora de seguir o ritual e, ao mesmo tempo, ensinar as crianças a executá-lo. Após acender uma vela, os adultos colocavam outras nas mãos das crianças para que fizessem o mesmo.

É interessante notar que nem todos os que executavam o ritual de enfeitar os túmulos e acender as velas tinham uma concepção formada para justificar a sua prática. Para Dona Rosa, por exemplo, o dia de finados tem que ter flores e velas. Quando perguntada o porquê, ela alegou não saber bem o motivo, ao que a sua colega, que acompanhava a entrevista, respondeu que um padre dissera que era para alegrar e iluminar os mortos. Neste caso, nem Rosa nem sua amiga tinham uma justificativa própria, embora executassem o ritual, apelando para a explicação recebida da autoridade religiosa. Maria Alves de Freitas também não tem certeza dos motivos que a levam a realizar o ritual de finados, mas concebe, embora sem demonstrar convicção, uma necessidade espiritual e diz: “Não sei. O pessoal diz que as almas tão no escuro. Eu não sei. Na dúvida, vamos acender”. Outra senhora, ao ser questionada se achava importante acender velas no dia de finados, respondeu: “Não sei dessas coisas, é melhor perguntar à minha irmã, que é mais entendida”. O ritual é importante para as pessoas, mesmo na cultura ocidental dos dias atuais. As pessoas parecem precisar dele, mesmo que não compreendam bem o porquê (como os casos relatados acima) ou mesmo não atribuindo nenhum significado transcendental a ele. É o caso do comerciante entrevistado, o qual se professou católico: “Acender uma vela não vale nada. É só para lembrar o passado no dia de finados”. “Acredito em Deus, mas, para mim, morreu acabou”. Mesmo assim, ele acompanha o dia de finados desde a antiga cidade.

Para várias das outras pessoas entrevistadas, entretanto, o ritual têm importância na relação com os mortos. Através de suas práticas, os vivos podem alcançar os mortos e serem por eles alcançados. Francisco Ivã Bezerra, de 48 anos, acredita que as flores e o dia de finados existem para os vivos, mas as velas e rezas podem, sim, influenciar os mortos. Essa crença fica bem explícita nas palavras de Dona Ana Aguiñela, 90 anos, conhecida por “Nenê Pitú”, a mais antiga moradora de Jaguaribara. Ela leva flores para o túmulo do marido e acende velas por que “ele não gostava de tá no escuro” e “quando vê as rosas botadas por mim, ele tem alegria”. E para Raimunda Luceni vale a mesma ideia: “Os mortos se alegram quando os vivos lembram, acendem uma vela”. Ela diz que fica triste quando encontra uma gaveta sem identificação nos ossários, pois a cova sem enfeites significa que os parentes não vieram visitar (Figs. 7-8).



Fig. 7: Gavetas dos ossuários enfeitadas no dia de finados. Observe as casinhas de madeira, colocadas ao pé dos ossuários e das covas, onde as pessoas acendem as velas para os mortos. Foto: Marcelo Freire Moro.



Fig. 8: Túmulos sem identificação não são enfeitados. Para alguns isso é motivo de preocupação, pois significa que o morto ficou sem o auxílio dos vivos. Foto: Marcelo Freire Moro.

Os restos mortais mais antigos, constituídos por ossos, foram colocados, na ocasião da transferência para o novo cemitério, em ossuários, que ficam posicionados junto ao muro do novo cemitério, adjacente às covas. Assim como nas covas, nos ossuários, o ritual de enfeitar o túmulo e acender velas se mantém (Fig. 7)

E teria a relação das pessoas com os mortos sido afetada pela mudança para o novo cemitério? A resposta parece ser não. De todas as pessoas entrevistadas, apenas uma senhora alegou não gostar do novo cemitério, mas a repulsa parecia estar fortemente vinculada à mágoa pela perda da antiga cidade e de seus vínculos históricos e não ao cemitério em si. No geral, as pessoas não estranharam a mudança para o novo cemitério, achando-o “até melhor” que o antigo. Quando muito, alguns relataram um leve estranhamento que “logo passou”. Assim, os depoimentos sobre o novo cemitério foram, em contraste com os relatos sobre a nova cidade, sempre positivos:

O novo cemitério “é mais bonito e organizado”.

“O cemitério novo é melhor que o antigo. Aqui é mais amplo e não tem catacumba”⁷.

“A adaptação à nova cidade foi difícil, mas ao cemitério não”.

“Eu acho tão lindo aqui. Parece que tá voando”.

São algumas das declarações colhidas. As pessoas gostaram do novo cemitério por que ele é mais amplo e mais organizado, seguindo o estilo de cemitério parque. Mas a própria cidade nova é mais ampla e mais organizada que a antiga, como atestam, até mesmo, os Jaguaribarenses que não gostam da nova Jaguaribara. Porque, então, apenas o cemitério foi bem aceito e não a cidade toda? A resposta parece estar na maneira como as pessoas se

relacionavam umas com as outras, com o rio Jaguaribe e com a sua própria história na velha Jaguaribara, em contraste com o modo que se relacionam com os mortos.

A relação dos vizinhos entre si (relação vivos-vivos) ficou afetada na nova cidade, por que, segundo os entrevistados, em uma cidade tão pequena como a Antiga Jaguaribara, tudo era perto, todos estavam próximos uns dos outros. “Quando saía na calçada, já estava quase na calçada do outro”, diz uma freira. A ruptura do hábito de sentar nas calçadas para conversar foi uma das coisas que as pessoas reclamam. Em contraste com a cidade onde “quando saía na calçada, já estava quase na calçada do outro”, as novas casas, com recuo lateral, separou espacialmente vizinhos que antes estavam muito próximos, e isso parece ter afetado a relação dos vivos entre si (pelo menos inicialmente), tendo sido alvo de reclamações em diversas ocasiões. Entretanto, circulando durante a noite pela cidade e colhendo depoimentos, percebemos que ainda há pessoas conversando nas calçadas no fim do dia. Um morador disse que pouco a pouco o hábito está retornando.

Além de um maior “afastamento” (seja espacial, seja relacional) entre os moradores, a perda dos laços históricos das pessoas e dos costumes relativos ao Lugar-Jaguaribara e ao Lugar-Rio Jaguaribe certamente foram um dos fatores que geraram maiores sentimentos de perda. Com o afastamento das pessoas do rio e com a destruição da antiga cidade, as relações de identidade pessoas-lugar foi rompida, tendo que ser reconstruída em um espaço estranho aos moradores: o (pelo menos inicialmente) Não Lugar-Jaguaribara.

E a relação das pessoas com mortos e com o lugar deles? Parece não ter sido afetada por que, ao contrário do que se possa pensar, aparentemente as pessoas não desenvolviam laços fortes com o lugar dos mortos, mas sim com os mortos em si. Os mortos precisam de um lugar “para viver”, mas os vínculos não se estabelecem com o lugar propriamente dito. Isso ficou claro durante as entrevistas.

As pessoas que acreditam na continuidade de vida após a morte podem ser divididas em dois grupos: as que vinculam a alma de cada morto aos seus restos mortais ou a algum objeto material presente no cemitério e aquelas que vinculam a alma dos mortos aos vínculos afetivos com os vivos.

Para aqueles que vinculam as almas dos mortos à relação com os vivos, a mudança do velho cemitério para o novo foi boa, por que trouxe mais conforto aos vivos, que realizam o ritual para os mortos. Para aqueles que vinculam a alma aos restos mortais, o cemitério também agradou, mas, para alguns, o processo de exumação pode ter incomodado os mortos, sendo esta a única queixa quanto à mudança.

Uma jovem senhora, que gostou do novo cemitério e acompanhou a exumação do irmão, demonstrou tristeza apenas ao se referir ao processo de transferência dos restos mortais do velho para o novo cemitério. Ela relata que chorou e acendeu velas durante a exumação e, para ela, o irmão sofreu durante a transferência do corpo de um lugar para o outro. Entretanto, agora que ele já está no novo local, descansa em paz. Uma vez que o cemitério velho iria ser

inundado, declara ela, deixar o irmão debaixo d'água seria pior: para a família, que não poderia velar por ele, e para ele próprio.

A dor da mudança, para algumas pessoas, estava no ato de “arrancar” os mortos do seu local de descanso. A crença de que as almas dos mortos ficam presas a alguma coisa material se manifesta no Nordeste em diversos casos. Seja o santo (que é uma pessoa já morta) vinculado à escultura, sejam as almas que têm “botijas” enterradas e que ficam vinculadas à elas, até que a botija seja “arrancada” e “espalhada”.⁸ Na concepção de parte dos entrevistados, as almas dos seus familiares estavam ligadas aos restos mortais.

Mais uma manifestação dessa crença foi encontrada dentro do cemitério Parque da Saudade. Vários moradores contam uma estória de um cemitério chamado “cemitério do Cola” (aparentemente uma pronúncia regional para a doença cólera). Em tempos passados, na “época da minha avó”, diz uma senhora, uma família pegou uma doença muito grave (supostamente cólera) e vieram todos a falecer. Devido à doença, que assustou as pessoas da época, os corpos dessa família foram enterrados “no mato” e não no cemitério. Como as pessoas que lá foram enterradas passaram por uma morte sofrida, elas se tornaram almas santas. Desse modo, as pessoas “se apegam” às almas do cemitério do Cola para “alcançar alguma graça”, e, assim, surgiu o mito das almas santas do cemitério do Cola. Estas almas ganharam devotos e atraíram pessoas da região para rezar no lugar em que a família foi enterrada, e fazer promessas para estas “almas santas”.

Com a inundação da região, resultante da construção do Castanhão, uma mulher, devota das “almas santas”, fez a promessa de que transportaria os restos mortais do cemitério do Cola para o novo cemitério. Os relatos das pessoas entrevistadas divergem quanto aos ossos terem ou não sido trazidos para o novo cemitério. Uns afirmam que já não havia mais nenhum resto mortal no cemitério do Cola, depois de tanto tempo. Outros dizem que alguns ossos foram encontrados e transportados para o novo cemitério. Mas o fato é que, uma vez que uma devota construiu um altar para estas almas no novo cemitério e, segundo contam, transportou as cruzes que estavam fincadas no antigo cemitério para o novo, os devotos aceitaram a mudança de lugar. Durante o dia de finados, várias pessoas rezaram em frente ao novo cemitério do Cola, enfeitaram a área com flores plásticas e acenderam uma grande quantidade de velas para aquelas almas (Fig. 9).

Quem faz um pedido às almas do cemitério do Cola coloca uma pedrinha sobre as cruzes de madeira fincadas lá (Fig. 10). Quando a graça é alcançada, quem fez a promessa para as almas santas deve pagá-la rezando o terço, levando flores ao cemitério, soltando rojões, etc.

A mudança das almas para o novo cemitério é visto como natural para Dona Raimunda Almeida: “Quando as cruzes foram trazidas do antigo cemitério do Cola para este, as almas vieram também, já que aqui é um local bom e elas não iam ficar debaixo d'água”. As almas estavam, neste caso, vinculadas às cruzes, e, com a mudança destas, vieram juntas para a sua nova morada.

A adaptação das pessoas ao novo cemitério parece ter sido realmente fácil. Para aqueles que crêem que as almas estão no Céu, o fato de os parentes virem rezar por elas no novo cemitério já supre a necessidade dos espíritos, e a perda do antigo cemitério não trás nenhum problema. Para aqueles que crêem que as almas estão vinculadas a objetos materiais (restos mortais ou cruzeiros), a exumação dos corpos pode ter levado sofrimento ao morto, mas agora que eles já descansam em novo solo estão em paz.



Fig. 9: Uma mulher reza diante do local substituto ao antigo cemitério do Cola, dentro do atual Cemitério Parque da Saudade, em Jaguaribara, CE. Foto: Marcelo Freire Moro.



Fig. 10: Cruzes sobre as quais quem pede uma graça às almas santas deve depositar uma pedra. Foto: Marcelo Freire Moro.

A adaptação ao novo cemitério foi fácil, pois os mortos ou estão no Céu ou já se mudaram para o novo cemitério, a sua nova morada terrena. Mas, para grande parte dos Jaguaribarenses, ainda agora a perda do seu passado não foi superada. Se a relação com os mortos não foi afetada, a relação entre os vivos e entre os vivos e o espaço ainda está em processo de (re) construção. A Antiga Jaguaribara, o rio, as calçadas para conversar, todos eram lugares onde a identidade do povo se projetava. Já a Nova Jaguaribara, com suas ruas largas, suas casas mais afastadas uma das outras e sua distância para o rio ainda é um desafio para a adaptação de alguns. Se, como diz Castells (1996), o lugar é uma localidade cuja forma, função e significado existem dentro das fronteiras de continuidade física, o desafio dos vivos de Jaguaribara será encontrar a forma, função e significado do seu novo espaço de moradia e torná-lo seu lugar. Pois os mortos já descansam em paz.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pelas bolsas de pós-graduação concedidas ao primeiro autor ao longo de sua formação. Este trabalho foi realizado pelo primeiro autor, então mestrando do Programa Interdisciplinar em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará, durante a disciplina de Antropologia Urbana, ministrada por Alicia Ferreira Gonçalves, quando, então, era bolsista Capes. A segunda autora visita a Nova Jaguaribara desde 2004 e atualmente reside na cidade, de modo que foi responsável por um grande número de observações e conversas que mostraram o sentimento de falta de identificação das pessoas com a nova cidade nos primeiros anos depois da realocação da população. O primeiro autor agradece a Eudes Albertino de Lima Filho por todo o apoio e hospitalidade em sua casa durante a realização da

pesquisa. Este trabalho é dedicado a Mariana Bezerra Macêdo, pela valiosa amizade e pelas muitas sugestões para a melhoria do texto.

Sobre os autores

Marcelo Freire Moro

Biólogo formado pela Universidade Federal do Ceará. Concluiu o mestrado interdisciplinar em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela UFC, onde cursou a disciplina de Antropologia Urbana, ministrada por Alicia Gonçalves, co-autora deste trabalho. Durante a disciplina, foi desafiado a elaborar um projeto de etnografia. Amigo pessoal da segunda autora, que conhecia bem a realidade de “perda” sofrida por grande parte dos moradores da cidade de Jaguaribara, resolveu investigar sobre como a perda da antiga cidade influenciou (ou não) a relação das pessoas com os mortos no lugar-cemitério.

Sueli Alves da Silva

Teóloga formada pelo Seminário Teológico de Fortaleza, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, tem visitado a cidade de Jaguaribara desde 2005, onde entrou em contato com o drama das pessoas que perderam sua antiga cidade e seu passado devido a construção do açude Castanhão. Reside desde 2007 na cidade e atualmente trabalha como professora na rede municipal de ensino de Jaguaribara.

Notas

¹ Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará.

² Teóloga pelo Seminário Teológico de Fortaleza, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

³ Doutora em Ciências Sociais; Docente da Universidade Federal da Paraíba.

⁴ Segundo L. Strauss (1977), a identidade nos remete a uma dialética primordial: a existência do “outro” como condição de afirmação de minha identidade. A identidade é um processo de definição e de classificação social de um nós (grupo), sempre em oposição ao outro (grupo distinto do meu), neste sentido a identidade é sempre definida por oposição e por contraste a outras alteridades. O lugar é um dos sinais diacríticos por meio do qual as pessoas constituem a sua identidade.

⁵ Catacumba refere-se aos túmulos com lápides grandes ou capelinhas sobre os túmulos, que, segundo os entrevistados, ocupavam muito espaço no antigo cemitério, atrapalhando a locomoção.

⁶ A noção de etnografia que informa o presente artigo está inspirada nas formulações de Clifford Geertz (1989) que combina as abordagens semiótica (desvendar dos significados da ação, dos comportamentos e dos processos) e a hermenêutica (interpretação). É importante realçar que este trabalho não constitui uma etnografia, mas sim, apresenta uma abordagem etnográfica.

⁷ O novo cemitério segue um estilo de cemitério parque, onde as covas são padronizadas e estão ao nível do solo. As catacumbas são as antigas lápides e tumbas que foram construídas sem padronização no antigo cemitério. Algumas podem ter um tamanho considerável, impondo barreiras à visão e locomoção das pessoas

⁸ Botijas eram tesouros que as pessoas, no passado, escondiam, enterrando-os em um lugar secreto. Por vezes, as pessoas morriam sem revelar onde estava escondida a botija, daí existir a crença popular de que as almas ficam atormentadas até que suas botijas sejam encontradas por alguém e “espalhadas”, para quebrar o vínculo da alma com o tesouro.

Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLS, Manuel. **La era de la información: economía, sociedad y cultura**. vol 1: La sociedad red. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GUSSI, Alcides Fernando. **Os norte-americanos (confederados) do Brasil: identidades no contexto transnacional**. Campinas: Unicamp/Centro de Memória, 1997.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LÉVI-STRAUSS. **L'identité**. Paris: Bernard Grasset, 1977.